

O RENDIMENTO ESCOLAR E O CAPITAL CULTURAL QUE ESTRUTURA OS ALUNOS DE PEDAGOGIA NA UNEMAT EM SINOP

Izabela Antônia Petroski*

RESUMO

Essa pesquisa se pautou nos estudos de Pierre Bourdieu o qual aponta a escola como reprodutora das desigualdades sociais ao exercer violência simbólica impondo como válida a cultura da classe dominante. Bourdieu aponta a existência de três capitais: econômico, social e cultural. O capital cultural exerce influência maior sobre o rendimento escolar dos alunos pois facilita a decifração de códigos e símbolos. Foram analisadas as dimensões simbólicas dos acadêmicos de Pedagogia da UNEMAT em Sinop, relacionando seus capitais ao rendimento escolar. A coleta de dados foi feita por meio de questionário. Os acadêmicos são, de maneira geral, detentores de capital cultural popular, o qual não é apreciado pelas instituições escolares.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Capital Cultural. Rendimento Escolar. Pierre Bourdieu.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida as relações sociais, pautadas na teoria de Pierre Bourdieu, com enfoque na discussão do conceito de capital cultural na vida acadêmica. Essa direção explicita a necessidade de entender e compreender de que formas os sujeitos mobilizam sua cultura nos espaços acadêmicos. Para isso, decidimos estudar acadêmicos do curso de Pedagogia, ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no município de Sinop.

* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **O RENDIMENTO ESCOLAR E O CAPITAL CULTURAL QUE ESTRUTURA OS ALUNOS DE PEDAGOGIA NA UNEMAT EM SINOP**, sob a orientação do Professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: izahbelah@hotmail.com.

Nossa opção por Bourdieu se valida porque seus constructos teóricos foram forjados para explicitar as legitimações estruturais e estruturantes que estão correlacionadas às formas de poderes de dominação. De acordo com Bourdieu (2012a, p. 41), “as práticas sociais traduzem heranças culturais” que compõe um *habitus*. Este consiste em um sistema de valores interiorizados determinantes de como o indivíduo se insere e se situa na sociedade, tornando-se importante refletir sobre as relações dos sujeitos presentes em uma Universidade pública.

A pesquisa foi de caráter qualitativa descritiva. Segundo Gil (2008, p. 28) “as pesquisas deste tipo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou do estabelecimento de relações entre variáveis”. A coleta de dados foi realizada no ano de 2014/02 com acadêmicos que estavam no primeiro, quarto, sexto e sétimo semestre. O questionário apresentou 72 questões, sendo elas abertas e/ou fechadas. Ao todo foram 80 questionários respondidos. As perguntas buscavam contemplar as esferas econômicas, sociais e culturais dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UNEMAT.

Bourdieu (2012a) aponta a escola como uma instituição a serviço das classes dominantes, a qual utiliza da violência simbólica para legitimar sua cultura, desvalorizando a cultura popular. Privilegiando a cultura que somente a elite tem acesso, a escola deixa de ser uma instituição neutra e passa a ser reprodutora das desigualdades sociais, onde os sujeitos não têm as mesmas oportunidades, mas são violentados e excluídos.

2 O CAPITAL CULTURAL PRODUZIDO PELOS ACADÊMICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS RELAÇÕES COM O RENDIMENTO ESCOLAR

Bourdieu aponta a escola e seu sistema de ensino como reprodutora das desigualdades sociais. Para ele (2012a), a pedagogia tradicionalista da escola utiliza seu poder arbitrário para impor um arbítrio cultural, o qual está submetido aos desejos das classes dominantes. Dessa forma, a escola exerce violência simbólica. Ao invés de reduzir as desigualdades sociais, serve de instrumento que privilegia a cultura elitizada, dificultando o acesso e a permanência das massas populares.

A partir dessa perspectiva, a competência do dom individual perde espaço, uma vez que o rendimento escolar, segundo Bourdieu (2012a), depende de fatores externos ao indivíduo, principalmente no que diz respeito a cultura.

Segundo Bourdieu (2012a, p. 53), a cultura dominante, que somente as elites têm acesso, é privilegiada na educação. O conhecimento popular, nessa perspectiva, é ignorado.

Para ele, o sucesso escolar se dá a partir da presença de “capitais”, sendo eles o capital cultural, capital social e o capital econômico. O capital cultural é o mais relevante nesse processo, porém para que ele seja bem sucedido precisa da presença dos outros dois.

A seleção com base social que se operava, assim, era amplamente aceita pelas crianças vítimas de tal seleção e pelas famílias, uma vez que ela parecia apoiar-se exclusivamente nos dons e méritos dos eleitos, e uma vez que aqueles que a escola rejeitava ficavam convencidos (especialmente pela escola) de que eram eles que não queriam a escola. A hierarquia das estruturas de ensino, simples e claramente identificável, e, muito particularmente, a divisão absolutamente nítida entre o primário (daí, os “primários”) e o secundário, estabelecia uma relação estreita de homologia com a hierarquia social; e isso contribuía muito para persuadir aqueles que não sentiam feitos para a escola de que não eram feitos para as posições que podem ser alcançadas (ou não) pela escola, ou seja, as profissões manuais e, muito especialmente, as posições dirigentes no interior dessas profissões. (BOURDIEU, 2012a, p. 219).

A escola utiliza da violência simbólica para impor um padrão comportamental, um *habitus* de classe, não se importando com as classes populares e negando seu direito de inserção social e cidadania. Assim, a ordem social é mantida.

Segundo Bourdieu (2012a, p. 41) cada indivíduo recebe uma carga cultural como herança familiar, que se transforma em um *habitus*, o qual será usado a seu favor na escola.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 2012a, p. 42).

Essa cultura se constrói por meio de acesso a espaços de disseminação cultural, sendo eles museus, teatros, cinemas, bibliotecas. Esses espaços ampliam e intensificam a leitura de mundo do indivíduo, fazendo com que na escola ele compreenda mais facilmente os signos e símbolos utilizados. A escola, nessa perspectiva, torna-se apenas uma extensão daquilo vivenciado nos espaços familiares.

Pode-se medir o grau de autonomia de um campo de produção erudita com base no poder que dispõe para definir as normas de sua produção, os critérios de avaliação de seus produtos e, portanto, para retraduzir e reinterpretar todas as determinações externas de acordo com seus princípios próprios de funcionamento. Em outros termos, quanto mais o campo estiver em condições de funcionar como a arena fechada de uma concorrência pela legitimidade cultural, ou seja, pela consagração propriamente cultural e pelo poder propriamente cultural de concedê-la, tanto mais os princípios segundo os quais se realizam as demarcações internas aparecem como irredutíveis a todos os princípios externos de divisão, por exemplo os fatores de diferenciação econômica, social ou política, como a origem familiar, a fortuna, o

poder (no caso de um poder capaz de exercer sua ação diretamente sobre o campo), cem como às tomadas de posição políticas. (BOURDIEU, 2011, p. 106).

O capital cultural favorece ainda nos sistemas de seleções. Dele, o indivíduo desenvolve uma linguagem apreciada pelos professores, além ainda de conseguir compreender melhor as questões que lhes são impostas.

Sua influência se estende, ainda, com relação ao destino escolar. Quão maiores forem as chances de sucesso, maior será o investimento nos estudos. Essa probabilidade é medida consciente ou inconscientemente pela experiência vivida pelos membros de seu meio. O indivíduo tende a excluir aquilo que é aparentemente impossível por não acreditar no próprio potencial. Não querem desejar aquilo que acreditam não poderem ter. Isso se repete, ainda, com relação a escolha da profissão que será seguida, até porque a profissão também é um instrumento de classificação das pessoas.

Nas sociedades divididas em classes, as taxinomias sociais, os sistemas de classificação que produzem a representação dos grupos (por exemplo, as categorias socioprofissionais ou as categorias indiciárias) são, a cada momento, o produto e o objeto das relações de força entre as classes. De acordo com o estado das relações de força, um grupo pode obter o cargo sem obter a remuneração material e a remuneração simbólica dos que têm direito a tal (“o que desempenha o papel de”) ou obter todas as vantagens materiais com exceção do nome (subdiretor). (BOURDIEU, 2012a, p. 141).

A escola violenta seus alunos, pois lhes tira o direito de ser e existir plenamente. A escola nega a cultura das massas e sanciona o destino dessas pessoas, favorecendo e privilegiando somente quem possui um *habitus* de classe. Ao invés de promover ao acesso universal a cultura, enriquecendo o conhecimento e trazendo igualdade, ela aumenta ainda mais o abismo existente entre as classes sociais.

O autor aponta três estados do capital cultural: incorporado, objetivado e institucionalizado. Esses estados são processos pelos quais os herdeiros de capital cultural passam para que a transmissão deste seja eficaz.

No estado incorporado, a acumulação se dá a partir da inculcação e assimilação do capital cultural da família, tornando-o parte integrante da pessoa, ou seja, o *habitus*. Segundo Bourdieu (2012a, p. 74),

A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor (tal como o bronzeamento, essa incorporação não pode efetuar-se por procuração). Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do “sujeito” sobre si mesmo (fala-se em cultivar-se),

Sendo necessário esse investimento de tempo, não ocorre instantaneamente e nem pode ser comprado. Inicia no nascimento e acaba com a morte. Ele possui uma transmissão quase que inconscientemente ou natural, entretanto é visível e prestigiada, sendo inclusive um bem simbólico (BOURDIEU, 2012a, p. 75).

No objetivado o capital se dá na aquisição de bens culturais, e para isso, é imprescindível obter o capital cultural no estado incorporado, uma vez que sem ele não consegue decifrar os códigos dessas aquisições. Nesse momento, o capital cultural se materializa, e para isso o capital econômico precisa estar disponível.

Assim, os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural. Por consequência, o proprietário dos instrumentos de produção deve encontrar meios para se apropriar ou do capital incorporado que é a condição da apropriação específica, ou dos serviços dos detentores desse capital. (BOURDIEU, 2012a, p. 77).

O institucionalizado se dá na conquista dos títulos escolares. É um caminho pelo qual se dá a presença dos diplomas. O diploma serve para que os detentores de capital cultural atestem sua intelectualidade e sua aptidão para tal juridicamente. Segundo Bourdieu (2012a, p. 78),

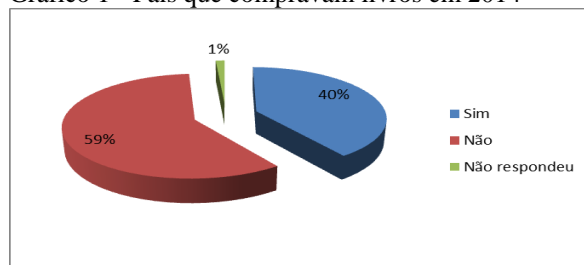
A objetivação do capital cultural sob a forma de diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito a cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo, em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico.

Caberia à escola promover a igualdade ao acesso ao conhecimento, permitindo que todos tivessem, de fato, a oportunidade de terminar seus estudos e concluir uma graduação? Ao contrário, ela exclui e desqualifica pessoas que não detém a cultura erudita. O sistema de avaliação escolar é uma prova disso. Ele leva em consideração somente relações objetivas, e exclui toda subjetividade oriunda da existência humana. Carregamos valores, crenças, culturas e costumes únicos, porém não existe cultura certa ou cultura errada. As dificuldades daqueles que não conseguem decifrar os inúmeros códigos presentes nas instituições de ensino são grandes o suficiente.

Buscamos em nossa pesquisa apresentar dados sobre o acesso aos bens culturais que englobaram a vida dos estudantes. Um dos questionamentos foi com relação ao acesso a livros

desde a infância. A leitura proporciona um enriquecimento tanto na oralidade quanto na escrita, quesitos esses apreciados na escola.

Gráfico 1 - Pais que compravam livros em 2014



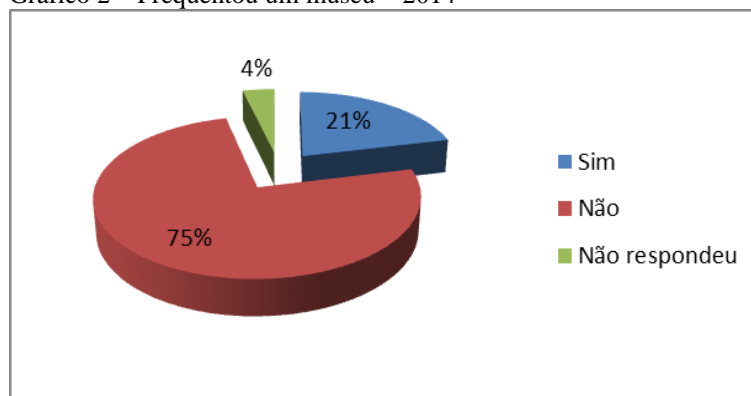
Fonte: Izabela Antônia Petroski, coleta de dados da pesquisa, 2014.

O gráfico acima apresenta um dado primordial para analisarmos o capital cultural. Um número expressivo de acadêmicos não convivia no âmbito familiar com livros: 59% dos pais não investiam em livros. Segundo Bourdieu (2011, p. 192), “em termos mais precisos, a relação que mantém com o mercado literário e artístico, cujas sanções anônimas, imprevisíveis e cambiantes, podem criar entre eles disparidades notáveis [...]”.

[...] à constituição do *habitus* como sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem princípio gerador e unificador do conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante. (BOURDIEU, 2011, p. 191).

Ainda sobre o acesso aos bens culturais, questionamos sobre a visita a museus e teatros. A cidade de Sinop não promove com frequência eventos culturais desse porte, o que dificulta ainda mais para os estudantes. Abaixo apresentamos o gráfico que trata sobre a ida a museus.

Gráfico 2 – Frequentou um museu – 2014

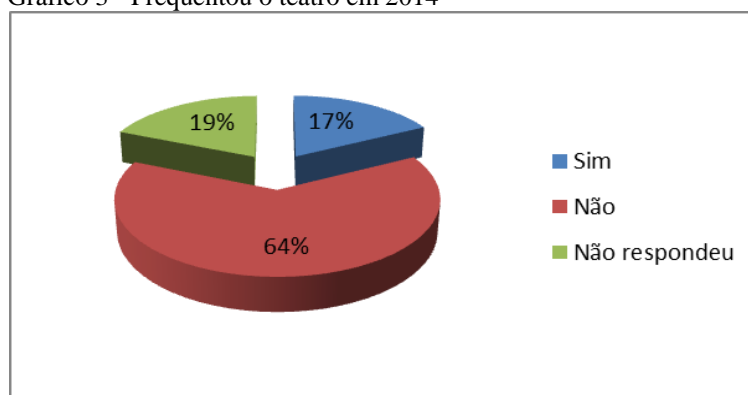


Fonte: Izabela Antônia Petroski, coleta de dados da pesquisa, 2014.

Segundo Bourdieu, a apreciação a obras de arte exige uma compreensão relativamente mais elaborada para decifrar seus códigos.

Toda lógica do funcionamento de um sistema que detém o monopólio de sua própria reprodução, obriga-o a assumir até o limite a tendência para a conservação cultural. Reforçando por sua própria inércia os efeitos da lógica característica do processo de canonização, o sistema de ensino contribui para manter a defasagem entre a cultura produzida pelo campo intelectual e a cultura escolar, “banalizada” e racionalizada pelas e para as necessidades da inculcação, isto é, entre os esquemas de percepção e de apreciação exigidos pelos novos produtos culturais e os esquemas efetivamente manejados a casa momento pelo “público cultivado”. (BOURDIEU, 2011, p. 123).

Gráfico 3 - Frequentou o teatro em 2014



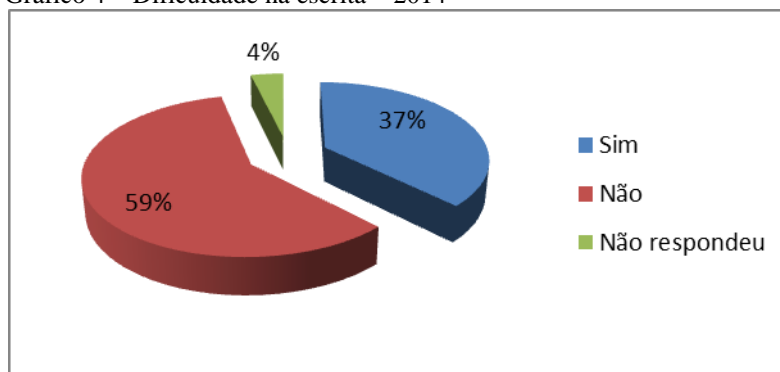
Fonte: Izabela Antônia Petroski, coleta de dados da pesquisa, 2014.

Assim como o museu, existe uma dificuldade em ter acesso ao teatro. O gráfico acima nos mostra que 64% dos acadêmicos nunca foram ao teatro. É importante pensarmos a relação desses pontos e como eles se reforçam. Não é por acaso que os acadêmicos não frequentam museus e teatros, não tiveram grande acesso a livros. É uma questão muito mais social. Ela se entrelaça entre o capital econômico, social e cultural.

O privilégio cultural torna-se patente quando se trata de familiaridade com obras de arte, a qual só se pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos (frequência que não é organizada pela escola, ou o é somente de maneira esporádica). Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social. (BOURDIEU, 2012a, p. 45).

Vamos apresentar abaixo um gráfico que trata sobre o desempenho dos alunos com relação a escrita, critério esse muito avaliado pela escola. Sabemos que a cultura propicia uma visão de mundo mais ampla, trazendo elementos importantes para construção e re-construção de significados, o que ajuda na produção textual.

Gráfico 4 – Dificuldade na escrita – 2014



Fonte: Izabela Antônia Petroski, coleta de dados da pesquisa, 2014.

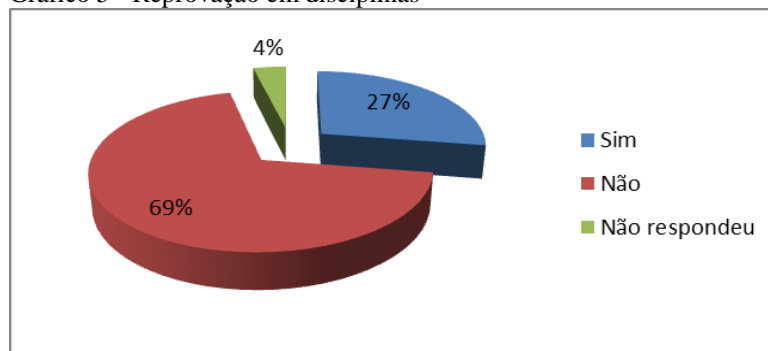
Esse foi um dado que provocou certo inquietamento. 37% dos acadêmicos declaram ter dificuldade com relação a escrita e 59% declararam não possuir nenhuma dificuldade. O curso de Pedagogia exige do acadêmico um desenvolvimento da escrita sob a perspectiva do domínio da língua vernácula (português), pois cobra, durante todo o curso, artigos, resumos, pesquisas, enfim, várias atividades que exigem o domínio da leitura e da escrita. Sendo ele um objetivo avaliativo muito utilizado pelos professores, seria necessário que menos acadêmicos tivessem essa dificuldade, pois isso poderá implicar na própria permanência ou não na Instituição.

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 2012a, p. 53).

Bourdieu (2012a, p. 54) nos orienta dizendo que “[...] no ensino superior, os estudantes originários das classes populares e médias serão julgados segundo a escala de valores das classes privilegiadas”. Não importa sua origem, sua cultura, sua realidade. A avaliação se dá a partir dos valores compartilhados pela classe dominante. É assim que a escola exerce violência simbólica sobre os sujeitos, pois impõe uma cultura dando legitimidade a ela.

A reprovação é a escola dizendo para o aluno que ele é incapaz. Ao invés de assumir o seu papel como formadora, ela passa a responsabilidade de apreender o conhecimento para o aluno, justificando pelo dom natural. Mas sabemos que, em fato, dom natural é capital cultural. Abaixo, apresentamos um gráfico que ilustra esse cenário na vida dos acadêmicos.

Gráfico 5 - Reprovação em disciplinas



Fonte: Izabela Antônia Petroski, coleta de dados da pesquisa, 2014.

Observando o gráfico acima, vemos que 27% dos acadêmicos já reprovaram. Nesse momento fica evidenciado, mais uma vez, a influência de seu capital cultural e sua implicação no rendimento escolar desses alunos. Diante de tantos desafios encontrados para permanecer na escola, ainda o aluno reprova. A escola não avalia aquilo que esse aluno produz. Ela sanciona as desigualdades entre indivíduos e sua força e simplesmente ignora toda sua realidade. A pergunta que fica é: como irão competir com os detentores de capital cultural?

Não existe dom natural. Existe a mobilização de capitais que favorecem o desempenho de habilidades que a escola avalia positivamente e de forma legitimada. Percebemos, a partir dos dados apresentados, que o capital cultural dos acadêmicos do curso de Pedagogia é oriundo da classe popular, e que essa herança cultural trouxe e traz implicações na vida acadêmica e profissional desses estudantes.

Os desafios e os enfrentamentos são maiores e refletem uma realidade social pouco percebida pela maioria das pessoas. Julgamos o outro por aquilo que vimos, pelo seu *habitus*, porém não analisamos as condições de vida e sua história, fatores que compõe a vida humana. Essa é a realidade que encontramos. Sujeitos carregados de histórias marcadas pela persistência. Sujeitos que lutam para permanecer na universidade e, com o diploma, acreditam obter ascensão social. Mal sabem que seu destino já está desenhado pela “fatalidade” social.

5 CONCLUSÃO

As instituições escolares, como aponta Bourdieu, não são espaços neutros. Eles reproduzem e legitimam a cultura da classe dominante como sendo a cultura certa a ser seguida. Dessa maneira, a ordem social é mantida e os bens simbólicos permanecem nas mãos de poucos.

A escola valoriza somente os atributos objetivos que necessitam de capital cultural dominante prévio para ser aprimorado e/ou desenvolvido. Porém para deter esse capital cultural seria necessário que todos tivessem de fato acesso aos bens culturais da humanidade e pudessem se apropriar dessa significação para que essa avaliação fosse menos injusta. Mas, infelizmente, não vivemos em uma sociedade justa. Vivemos em sociedade onde o valor das pessoas é atribuído de acordo com sua classe social. Somos classificados. Na sociedade capitalista as pessoas nunca terão igualdade.

Os desafios encontrados pelos acadêmicos são imensos. O curso, tendo sua oferta no período noturno, atrai a classe trabalhadora que busca melhorar de vida através do ensino superior. Entretanto, ao se deparar com essa realidade, os acadêmicos encontram inúmeras dificuldades para se manter na Universidade. Além de terem um capital cultural desvalorizado pela escola, trabalham durante o dia e, conseqüentemente, não conseguem se dedicar tanto quanto deveriam para aprimorar seu conhecimento.

THE ACADEMIC ACHIEVEMENT AND THE CULTURAL CAPITAL IN THE STRUCTURATION OF THE PEDAGOGY STUDENTS IN UNEMAT/SINOP

ABSTRACT¹

This research was based in the studies of Pierre Bourdieu, who shows the school as a reproductive institution of social inequalities when it exerts symbolic violence by imposing as valid the dominant class' culture. Bourdieu indicates the existence of three kinds of capitals: economic, social and culture. The culture capital exerts major influence on the students' academic achievement, because it makes easier the decryption of codes and symbols. The symbolic dimension of the Pedagogy students from UNEMAT/Sinop were analyzed and their capital were compared with their academic achievement. A questionnaire was made in order to collect data. The academic students, in general, own popular cultural capital which is not appreciated by the educational institutions.

Keywords: Pedagogy Course. Cultural Capital. Academic Achievement. Pierre Bourdieu.

REFERÊNCIAS

¹ Tradução realizada por Vinícius Dallagnol Reis. Graduado em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop.

BONAMINO, Alicia et al. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 41-64.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 73-79.

_____. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 129-144.

_____. ; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 219-237.

_____. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012b.

BRANDAO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 1, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2013.

GIL, Antônio Carlos. Níveis de pesquisa. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 27-28.

MENDES, I. A. A. **Trajetória educacionais, capital cultural e herança familiar**. 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2013.

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 21 de outubro de 2015.